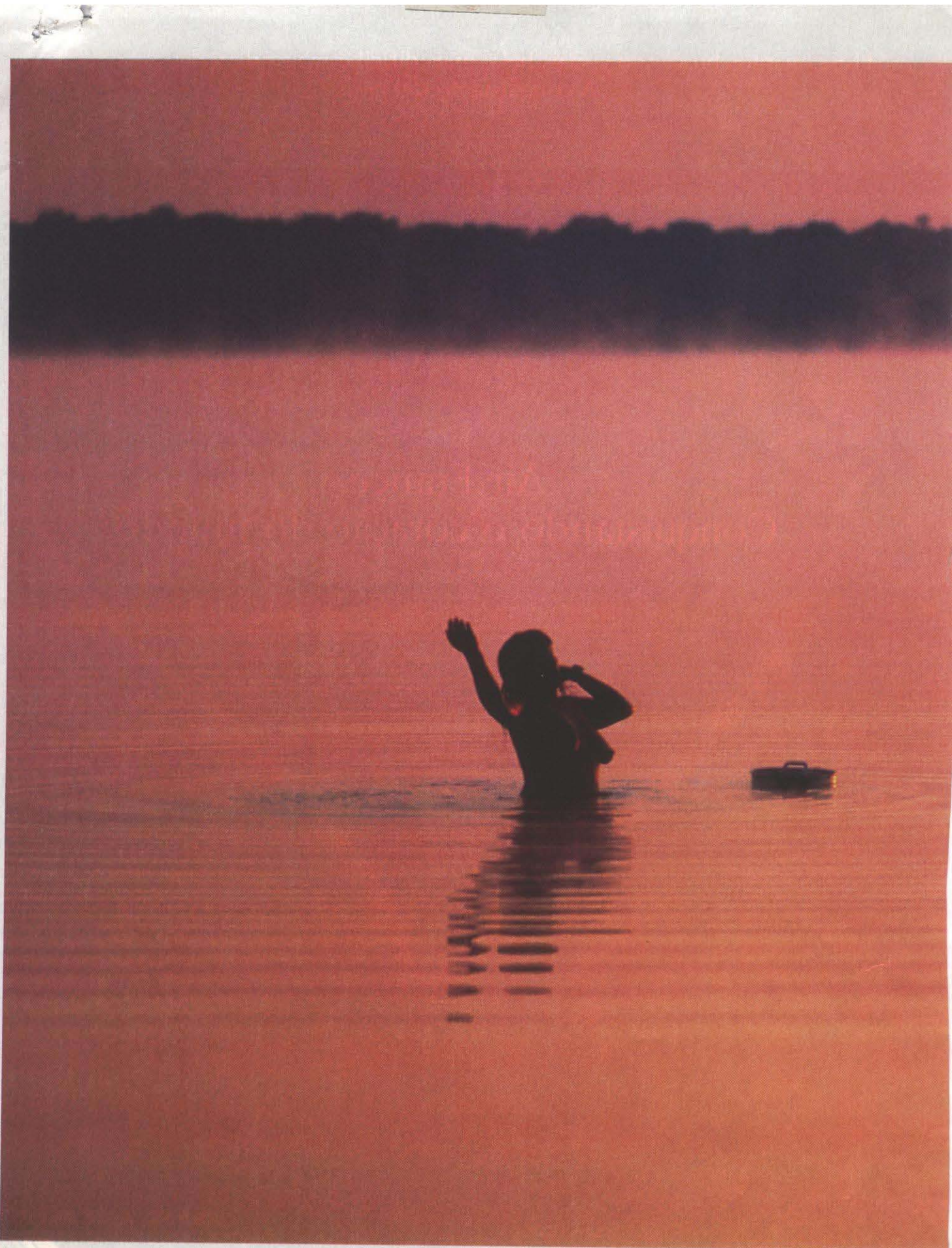


Documentação
 Nome: Istoe
 Data: 5/8/98 Pg: 62-64
 Class: 783



ÍNDIOS

Aldeia das estrelas

No Quarup, Orlando Villas Boas, o último dos irmãos sertanistas, vê Cláudio e Álvaro virarem tronco

MINO PEDROSA E JOÃO PRIMO (FOTOS), DO ALTO XINGU

Na mitologia dos índios do Alto Xingu, a cerimônia do Quarup – em que troncos de árvores simbolizam os mortos – representa o rito de passagem deste mundo para outra dimensão. Graças ao Quarup, acreditam os índios, os espíritos podem libertar-se dos rios e das florestas, a que inicialmente estão presos, e seguir aos céus. Na madrugada do domingo 26, subiram à “aldeia das estrelas” as almas de dois dos brasileiros – índios no espírito, mas brancos na cor da pele – que mais prestaram serviços à causa índi-

gena no País. Integrantes da rara linhagem dos Villas Boas, os pioneiros no contato permanente com as 14 nações indígenas que formam hoje o Parque Nacional do Xingu, os irmãos sertanistas Cláudio, falecido há cinco meses, e Álvaro, morto em 1996, receberam no Quarup a homenagem definitiva.



Orlando e o tronco que representa seu irmão Cláudio: ritual de liberação

A libertação dos espíritos de Cláudio e Álvaro Villas Boas, que subiram aos céus na companhia do índio guerreiro kamayurá Mariká, além de carregada de simbolismo, foi uma cerimônia com toques oficiais – teve até a participação do ministro da Justiça, Renan Calheiros, e do seu antecessor no cargo, Iris Rezende. Rito de passagem para a vida além da morte, o último Quarup foi carregado de significados para a história de Orlando Villas Boas. Foi também uma celebração de reencontro que marcou a volta ao Xingu, depois de 14 anos. Aos 84 anos, Orlando é o único sobrevivente dos quatro Villas Boas (o outro irmão Leonardo morreu em 1961), que fizeram parte da primeira expedição Roncador-Xingu, em abril de 1947. Rever os índios que ele conheceu como jovens guerreiros transformados hoje em velhos caciques fez correr as lágrimas no rosto do mais importante sertanista brasileiro.

Ao reencontrar o cacique Kanato, da tribo dos yawali-



Renan Calheiros: homenagem subiu à cabeça do ministro. Abaixo, a dança do Quarup, que marcou a vida dos irmãos Villas Boas

piti, que ele conheceu no final dos anos 40, Orlando Villas Boas chorou abraçado junto ao índio. “Meu pai, meu pai”, exclamou o cacique, hoje com mais de 60 anos, seis filhos e dois netos. Os dois foram cúmplices numa história que resultou no primeiro casamento de Kanato. O yawalipiti queria se unir com uma índia de uma outra tribo, uma jovem kamayurá, mas esbarrava na resistência do pai da moça. Foi Orlando quem aconselhou Kanato a roubá-la para realizar o seu desejo. Com a ajuda dele, que providenciou uma canoa, o sequestro acabou se consumando, mas o casamento não foi muito feliz. Depois, Kanato juntou-se a duas irmãs da primeira mulher. Villas Boas foi o primeiro diretor do parque nacional do Xingu, criado em 1961. Pelo seu trabalho, que permitiu a preservação cultural e física dos índios do Xingu, Orlando está tendo agora seu nome lembrado para Prêmio Nobel da Paz pelo ministro Renan Calheiros. ■

